

MARIA ANGELICA DE MELO RENTE

**O *setting* terapêutico como morada de relações
autênticas**

**INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE
São Paulo, 2014**

MARIA ANGELICA DE MELO RENTE

**O *setting* terapêutico como morada de relações
autênticas**

Trabalho de Conclusão do Curso de Formação em
Gestalt-terapia do Instituto Sedes Sapientiae,
sob orientação da Professora Rosana Zanella

INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE
São Paulo, 2014

Ao Pedro e ao João.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus filhos, Pedro Guilherme e João Rafael, pelas conversas inspiradoras e por compreenderem as minhas ausências.

Ao meu pai, José Manoel Rente, pelo apoio sempre amoroso e pelos inúmeros incentivos e ensinamentos durante toda a minha vida.

A minha orientadora, professora Rosana Zanella, pelas trocas férteis e pelas indicações de pesquisa.

Aos professores do Departamento de Gestalt-terapia do Instituto Sedes Sapientiae, com os quais muito aprendi e que forneceram os subsídios para que essa pesquisa pudesse se realizar, especialmente a Daniela Pupo, Fátima Martucelli e Roberto Veras que, ao se entusiasmarem com meu tema de pesquisa, confirmaram sua relevância para mim.

Aos colegas de turma da Formação em Gestalt-terapia: Dagmar Ribeiro Babo, Deborah Lee Fernandes, Frederico Tomaz Wachowicz, Liliana B. Marchetti, Luciana Gomes Pinto, Ludmila Muniz Machado, Natália Menezes Aguiar e Vera Lúcia Thomaz Duck, pela convivência nutritiva e por todas as partilhas.

Aos meus clientes, com os quais aprendo diariamente e que me motivam a ser uma terapeuta em constante processo de formação.

RENTE, Maria Angelica de Melo. O *setting* terapêutico como morada de relações autênticas. Trabalho de conclusão de curso (Formação), apresentado ao Departamento de Gestalt-terapia do Instituto Sedes Sapientiae, 2014, 55 p.

RESUMO

Esse trabalho visa investigar se e de que forma o ambiente físico do espaço de atendimento terapêutico influencia as relações entre clientes e terapeuta lá estabelecidas. A hipótese levantada foi a de que o espaço físico oferece influências relevantes que informam essas relações. Partiu-se de subsídios epistemológicos e metodológicos da Gestalt-terapia, aliados ao conhecimento da Psicologia Ambiental a fim de confirmar essa hipótese. Concluiu-se que a configuração do espaço físico, como parte do campo mais amplo do que define o *setting* onde essas relações se dão, realmente é um fator importante para o estabelecimento de relações terapêuticas autênticas e nutritivas.

Palavras-chave: psicoterapia, gestalt-terapia, psicologia ambiental, *setting* terapêutico, fenomenologia.

RENTE, Maria Angelica de Melo. Therapeutical setting as home to authentic relationships. Conclusion paper presented to the Gestalt-therapy Department at Instituto Sedes Sapientiae, 2014, 55 p.

ABSTRACT

This work intends to investigate whether or not physical environment influences relationships established between clients and therapists at therapeutical settings. The hypothesis was that environment offers relevant influence that informs those relationships. This was confirmed by data taken from Gestalt-therapy epistemology and methodology as well as from the knowledge available from Environmental Psychology. Conclusion was that the configuration of the space seen as part of the larger field that defines what is a therapeutical setting is indeed an important factor regarding the establishment of authentic and nurturing therapeutical relationships.

Key words: psychotherapy, gestalt therapy, environmental psychology, therapeutical setting, phenomenology.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	8
2. Fundamentos da Gestalt-terapia	12
2.1. O caráter dialógico da Gestalt-terapia.....	17
3. O espaço da relação.....	18
3.1. A ética como morada do terapeuta	21
4. O terapeuta como anfitrião	24
5. Ambiente e campo.....	27
5.1. As origens da psicologia ambiental.....	29
5.2. Definição e características da Psicologia Ambiental	32
5.3. Métodos de Pesquisa e Coleta de Dados em Psicologia Ambiental ...	33
6. Metodologia de trabalho: a fotografia contemplativa ou Miksang	37
7. Ver e/é fotografar	40
8. Considerações Finais	51
9. Anexo I – Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	54
10. Referências	55

Ao encontrar um estranho

*Com respeito
E reverência
Que o desconhecido
Entre nós
Possa florescer
Em descoberta
E nos conduzir
Além
Do campo familiar
Embotado pela erva daninha
Do tédio
E pelo velho muro
Do hábito*

John O'Donohue

1. Introdução

Minha primeira formação acadêmica foi em Arquitetura e Urbanismo. Já naquela época me encantavam os assuntos relacionados à maneira pela qual percebemos e significamos os espaços, além das questões da responsabilidade ambiental e da sustentabilidade. Mais tarde, durante a graduação em Psicologia, tomei contato com a Psicologia Ambiental e foi uma verdadeira revelação saber que havia um campo de estudos que articulava a Psicologia com a Arquitetura e Urbanismo. Todas aquelas questões que me encantavam enquanto estudante de Arquitetura voltaram a me ocupar. Da articulação entre essas formações e áreas surgiu o interesse em estudar de que forma o espaço físico influencia o espaço potencial da relação entre terapeuta e cliente.

Um dos aspectos que mais me encanta em toda a abordagem Gestáltica é o seu caráter dialógico. Hycner (1995, p.22) aponta que *“a existência humana, em seu nível mais fundamental, é inerentemente relacional”*. Ou seja, só nos tornamos humanos a partir da relação com os outros seres humanos. Buber (2001) afirma que uma relação verdadeira se dá a partir de uma atitude receptiva e livre de julgamentos, a qual pode propiciar um encontro enriquecedor e autêntico para os envolvidos. A essa modalidade de relação ele deu o nome de Eu-Tu. Veremos mais tarde que um encontro Eu-Tu não se dá apenas entre pessoas, mas também pode ocorrer entre um indivíduo e uma obra de arte, uma paisagem, um ambiente.

Entendo o fazer da gestalt-terapia como um ato do cliente, único, original, de cunho quase artístico do qual nós, terapeutas, somos cúmplices e observadores participantes, aguardando que a obra se revele frente a nossos olhos, ao mesmo tempo em que nos dispomos a acompanhar nosso cliente na aventura de realizar a obra maior que é o seu próprio projeto existencial. Para isso, precisamos nos livrar de pré-conceitos, permanecendo num lugar de vazio, de nada potencial, onde tudo pode acontecer.

Cardella (2011) propõe, para isso, que o terapeuta ocupe um lugar de anfitrião. Uma das definições dadas para essa palavra é a de “dono da casa”,

“aquele que recebe” (MICHAELIS, 2009), ou seja, aquele que abre as portas de seu espaço mais íntimo – a casa - para receber alguém. Para a autora, através da hospitalidade é possível auxiliar o cliente a encontrar, pelo cuidado do outro, o seu próprio lugar no mundo.

O processo terapêutico, descrito por Hycner (1995) como algo que ocorre no “entre”, no lugar da possibilidade de uma relação autêntica estabelecida por cliente e terapeuta, ocorre também em um ambiente físico. Usualmente, uma sala, na qual o terapeuta recebe seu cliente. Será que esse lugar, que tem uma existência concreta, de alguma forma atua na qualidade da relação terapêutica?

Bachelard (1974) afirma a existência do que chama de “*espaços louvados*” (p. 354). Para ele, esses são aqueles lugares em que nos sentimos protegidos, pois nos remetem às experiências primárias do morar e, por isso, têm características de refúgios.

Na busca por uma articulação entre todas essas referências, surgiu uma questão, que é a que orienta todo esse trabalho: se as reminiscências da “casa original” convidam ao devaneio e à intimidade, não seria interessante que o espaço terapêutico, de alguma forma evocasse algo de atávico, que remetesse às memórias da(s) morada(s) primária, reais ou imaginadas? Recorro novamente a Bachelard (1974, p.365):

Em suma, a casa natal inscreveu em nós a hierarquia das diversas funções de habitar. Somos o diagrama das funções de habitar daquela casa e todas as outras não são mais que variações de um tema fundamental. A palavra hábito é uma palavra usada demais para explicar essa ligação apaixonada de nosso corpo que não esquece a casa inolvidável.

Esse corpo que não esquece e que é, para Perls, “*o inconsciente visível*” (RIBEIRO, 1985, p.121), é também o campo onde acontecem todas as interações entre o meio e o indivíduo. O mundo é apreendido pelos sentidos, através das experiências vividas corporalmente. Na visão fenomenológica merleau-pontiana, o ser se expressa “*em movimento no mundo, cultura e história, criando e recriando, comunicando-se e expressando-se*” (NÓBREGA, 2000,p.105). Desta forma, sua subjetividade coincide com os processos

corporais. O corpo, para Merleau-Ponty, não é mais o suporte da consciência que conhece, mas é ele que conhece o mundo, através da experiência do movimento e da unidade dos sentidos. Mente e matéria formam uma unidade, na qual as experiências vividas/sentidas revelam o conhecimento; *“o homem não é um espírito e um corpo, mas um espírito com um corpo, que só alcança a verdade das coisas porque seu corpo está como que cravado nelas”* (MERLEAU-PONTY, 2004, p.17-18).

Da mesma forma, se pensarmos no setting como o “habitat” do terapeuta, talvez a importância de sentir-se em casa, para ele, seja ainda maior.

As principais referências utilizadas são a Gestalt-terapia, as fenomenologias de Merleau-Ponty e Bachelard, os paradigmas holístico-sistêmicos descritos por Fritjof Capra, a Psicologia Ambiental e a filosofia dialógica de Martin Buber.

Em termos metodológicos, esse trabalho parte de um levantamento bibliográfico baseado nos autores e abordagens supracitados, procurando tecer articulações relevantes entre eles. A dimensão estética, tão intrínseca ao tema, foi contemplada fenomenologicamente através da inclusão da Fotografia Contemplativa como método de representação plástica do espaço terapêutico, ilustrando os assuntos abordados e trazendo novos dados de percepção.

No primeiro capítulo são expostas as razões que motivaram a pesquisa, assim como a questão-problema e as principais bases teóricas às quais o trabalho recorre para procurar respondê-la. O segundo capítulo explica brevemente a abordagem da Gestalt-terapia através de suas origens e pressupostos teóricos e enfatiza o caráter dialógico dessa abordagem. O terceiro capítulo começa a traçar, a partir da fundamentação teórica gestáltica, as interrelações entre a relação terapêutica que ocorre em um determinado espaço físico e as especificidades desse espaço. Também neste capítulo são exploradas as definições de *setting*, e introduzida a noção de ética como espaço de atuação do terapeuta. No quarto capítulo se discute o papel do terapeuta como anfitrião e a noção de hospitalidade a partir do conceito de desenraizamento presente nos trabalhos de Cardella, Safra e Weil. O quinto

capítulo apresenta as bases teóricas e epistemológicas da Psicologia Ambiental e esboça possíveis articulações com a Gestalt-terapia e das fenomenologias de Bachelard e Merleau-Ponty. O sexto capítulo descreve a metodologia de pesquisa utilizada, detendo-se mais detalhadamente na Fotografia Contemplativa ou Miksang. Em seguida, são apresentadas as fotografias obtidas através da prática do Miksang. O trabalho é encerrado no oitavo e último capítulo, onde são colocadas as conclusões finais e apresentadas possibilidades de ampliação desse trabalho, a partir das questões que surgiram durante a elaboração do mesmo.

2. Fundamentos da Gestalt-terapia

A gestalt-terapia é uma abordagem humanista, de matriz fenomenológico-existencial, sistematizada inicialmente por Frederick (Fritz) Perls (Berlim, Alemanha, 1893 – Chicago, EUA, 1970), com a colaboração de Ralph Hefferline, Paul Goodman e Laura Perls. Sofreu influências de diversos pensamentos e escolas filosóficas, dentre as quais se encontram, além da fenomenologia e do existencialismo, a Psicologia da Gestalt, a Teoria de Campo de Kurt Lewin; a Teoria Global de Kurt Goldstein, o Holismo de Smuts e as filosofias orientais, como o zen-budismo e o taoísmo, e, posteriormente, a filosofia dialógica de Martin Buber. (GINGER, 1995; KIYAN, 2001; RODRIGUES, 2009; RIBEIRO, 1985). A Gestalt-terapia configurou-se a partir dessas influências, retendo algumas noções fundamentais de cada uma delas, conforme veremos a seguir:

- Do pensamento fenomenológico, a noção de processo e a ênfase na predominância da descrição sobre a explicação, além da importância da vivência imediata, do aqui-e-agora. A fenomenologia considera que a percepção depende de fatores subjetivos irracionais, portanto cada pessoa confere sentidos diversos às mesmas coisas. A tomada de consciência do corpo e do tempo vivido é uma experiência única de cada pessoa, não sendo, dessa forma, passível de teorização à priori;
- O existencialismo enfatiza o primado da vivência concreta, e considera que cada experiência humana é singular e original. Para esse pensamento, cada indivíduo é o único responsável por suas escolhas e pela construção de seu projeto existencial. De acordo com Sartre (2008, p.4), “*o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define*”. Ou seja, o ser humano é livre para ser aquilo que escolher ser.
- A Psicologia da Gestalt estuda os mecanismos psicofisiológicos da percepção e as relações do organismo com o meio. Considera que a relação entre sujeito e objeto é dialética, portanto o aspecto do objeto

depende das necessidades do sujeito. Dessa abordagem, a Gestalt-terapia herdou o seu nome. Gestalt é uma palavra na língua alemã que não tem tradução equivalente em qualquer outra língua. Perls (2011, p. 19) a define da seguinte maneira: “*Uma Gestalt é uma forma, uma configuração, o modo particular de organização das partes individuais que entram em sua composição*”. A Gestalt-terapia enfatiza as similaridades entre o domínio físico e o psíquico, considerando que eles obedecem a leis análogas, daí a relevância da Psicologia da Gestalt, que ofereceu à Gestalt-terapia um de seus conceitos mais conhecidos: o de figura e fundo. Em nossa relação com o mundo que nos cerca, não percebemos as coisas isoladamente, mas sim organizadas de maneira a formarem um todo significativo. A cada momento, um elemento se sobressairá (a figura), enquanto que os demais ficarão em segundo plano (o fundo). Isso é determinado pelo nosso interesse. Caso este interesse esteja ausente, os elementos continuarão indiferenciados, desorganizados e sem sentido. Figura e fundo são intercambiáveis, em constante relação dinâmica, ou seja, o que era figura pode tornar-se fundo, e vice-versa, desde que haja uma modificação no destino do interesse (PERLS, 2011). Para Kiyon (2009, p. 50):

É possível afirmar que a *figura* é a necessidade que emerge a cada momento, a fim de ser satisfeita; *fundo* é toda a gama infinita de possibilidades de outras vivências, necessidades e percepções que naquele momento cedem lugar para o surgimento e configuração de uma necessidade dominante. É pelo *contato* ou *fuga* do meio, dependendo da demanda, que o indivíduo pode obter a satisfação de suas necessidades.

Um dos principais objetivos da terapia gestáltica é auxiliar o sujeito a identificar qual é a figura dominante em determinado momento. Nas palavras de Ginger (1995, p.39):

Só o claro reconhecimento da figura dominante, para mim, num dado instante, permitirá a satisfação de minha necessidade e, depois disso, sua dissolução (ou retração) tornar-me-á disponível para uma nova atividade física ou mental. Sabemos que o fluxo sem entrave desses ciclos sucessivos define, em Gestalt-terapia, o estado de “boa saúde”. A terapia incentiva a formação flexível de Gestalts sucessivas, adaptadas à relação sempre fluente do organismo com seu meio, num ajustamento criador permanente.

- Da Teoria de Campo de Kurt Lewin: a compreensão de que o indivíduo se encontra em estreita interdependência de seu meio. A Gestalt-terapia considera impossível compreender a pessoa separadamente do meio onde ela vive;
- De acordo com a teoria holística, o ser humano age no mundo transformando e sendo transformado pelo meio onde está inserido, inclusive criando novas realidades a partir das escolhas que faz. A visão do holismo é sistêmica: todos os fenômenos são considerados em interdependência circular. Segundo Capra (2006, p.305),

em medicina holismo significa que o organismo humano é visto como um sistema vivo cujos componentes estão todos interligados e interdependentes. Numa acepção mais ampla, a concepção holística reconhece também que esse sistema é parte integrante de sistemas maiores, o que subentende que o organismo individual está em interação contínua com seu meio ambiente físico e social, sendo constantemente afetado por ele, mas podendo também agir sobre ele e modificá-lo.

Para a Gestalt-terapia, os comportamentos humanos têm por objetivo a obtenção de homeostase, um conceito científico que define o processo segundo o qual o organismo mantém seu equilíbrio, através da satisfação de suas necessidades (KIYAN, 2009; PERLS, 2011). Segundo Perls (2011, p. 20), *“uma vez que suas necessidades são muitas e cada necessidade perturba o equilíbrio, o processo homeostático perdura o tempo todo”*. Ele atribui ao organismo em relação com o meio a capacidade de se auto-regular. O autor clarifica o conceito através desse exemplo:

Para o organismo gozar de boa saúde, o volume de água do sangue também tem que ser mantido num certo nível. Quando cai abaixo do nível, a transpiração, a salivação e a excreção da urina são todas diminuídas, e os tecidos do organismo passam parte da sua água para a corrente sanguínea. Assim, o corpo zela para que ela conserve água durante um período de emergência. Este é o lado fisiológico do processo. Porém, quando a taxa de água do sangue cai demasiadamente, o indivíduo sente sede. Faz, então, o que pode fazer para manter o equilíbrio necessário. Toma um gole d'água (PERLS, 2011, p.21).

A partir dessa definição, Perls traça um paralelo entre os processos de auto-regulação fisiológicos, psicológicos e sociais, apontando que são

inúmeras as necessidades vividas pelos seres humanos em todos esses níveis, e que “*quanto mais intensamente as sentimos como essenciais para o prosseguimento da vida, mais de perto nos identificamos com elas e mais intensamente dirigimos nossas atividades para satisfazê-las*” (PERLS, 2011, 25 p.22). Além de múltiplas, essas necessidades ocorrem simultaneamente, mas não podem ser satisfeitas, adequadamente, ao mesmo tempo. Neste caso, o organismo saudável opta pela necessidade de sobrevivência dominante. Nas palavras de Perls (2011, p.23), ele “*age, em primeiro lugar, de acordo com o princípio das coisas fundamentais*”. Desta forma, a necessidade dominante passa a ser a figura, e as outras necessidades aguardam o momento oportuno para serem satisfeitas, tornando-se o fundo. Esse é, portanto, um processo dinâmico, de alternância constante entre figura e fundo, no qual o organismo deve manipular a si próprio e ao seu meio, a fim de obter a satisfação de suas necessidades, fechando as gestalts (PERLS, 2011). Ginger (1995, p.39) afirma que:

Só o claro reconhecimento da figura dominante, para mim, num dado instante, permitirá a satisfação de minha necessidade e, depois disso, sua dissolução (ou retração) tornar-me-á disponível para uma nova atividade física ou mental. Sabemos que o fluxo sem entrave desses ciclos sucessivos define, em Gestalt-terapia, o estado de “boa saúde”.

O movimento necessário para que as necessidades surjam, sejam percebidas e contatadas e, subsequentemente, satisfeitas, constitui o chamado ciclo de contato. Na medida em que as necessidades surgem, o equilíbrio homeostático é comprometido, exigindo sua satisfação, num processo contínuo, já que novas necessidades estão sempre surgindo. Tomando como exemplo a fome, o ciclo de contato se dá da seguinte forma: em primeiro lugar surge a sensação. Sabemos que algo está acontecendo em nosso organismo, ainda que não seja possível discriminar. Na medida em que a sensação aumenta, ela passa a receber nossa atenção, através dos sentidos: aqui ocorre a conscientização (*awareness*), de estarmos com fome. Nesta etapa ocorre a mobilização da energia necessária para satisfazer a necessidade, ou seja, para encontrar meios de abrandar a fome. A próxima etapa é a ação de buscar algo para comer, permitindo que ocorra o contato e, finalmente, a fome é saciada, e o organismo ficará em repouso, ou retração, até que nova necessidade surja,

suscitando a formação de outro ciclo (KIYAN,2001; RODRIGUES,2000; ZINKER, 2007). Vejamos como Zinker (2007, pp.108-109) exemplifica o ciclo de contato:

O ciclo começa com a sensação. Estou sentado aqui e, enquanto trabalho, começo a sentir algumas contrações no estômago. Essas contrações são acompanhadas por uma sensação de secura na boca. Conforme sigo trabalhando, elas aumentam e sinto uma leve náusea. Experiencio esse conglomerado de sensações como “fome”.

Essas sensações se tornam awareness. Sou capaz de denominar e descrever esses mecanismos sensoriais. Diferentemente de um bebê, não me sinto à mercê apenas das sensações. Sei o que posso fazer como elas.

[...] Conforme tomo consciência da fome, meu corpo se mobiliza. Sinto que alguns músculos das pernas vão ficando aquecidos. Visualizo uma ida até a geladeira para pegar um pedaço de queijo, pão e alguma fruta. Enquanto visualizo essa cena, percebo uma aceleração no ritmo da respiração e uma mobilização geral da energia no corpo. [...] Se não tivesse essa energia, não poderia deixar o gravador de lado, ficar em pé, ir a te a cozinha e preparar uma refeição. Em geral, não damos valor a essa energia.

Fico em pé e vou até a cozinha. Esse processo envolve os músculos das pernas e dos braços; a aceleração da respiração e do ritmo cardíaco garante essa movimentação. Esse é o estágio da ação.

O ponto seguinte do ciclo é chamado de contato. Quando pego o queijo e como um pedaço, começo a sentir conforto no estômago. [...] Contato é aquele processo psicológico em que me envolvo com a comida.

[...] A medida que continuo comendo e bebendo, tomo consciência de ter a barriga cheia. Agora estou satisfeito. [...] Entro no estágio de retração, relaxamento, recuperação e desinteresse.

A Gestalt-terapia enfatiza a importância da conscientização de si e do momento presente, conscientização essa que não é apenas mental, mas organísmica, total (PERLS, 2011), “*com qualidade acentuada de atenção e sentido*” (KIYAN, 2009, p.52). Essa forma plena de experiência é chamada de awareness. Termo sem tradução literal para o português, relaciona-se à consciência presentificada, é presença plena e ativa (PERLS, 1977). Para Yontef (1998, p.215):

Awareness é uma forma de experienciar. É o processo de estar em contato vigilante com o evento mais importante do campo indivíduo/ambiente, com total suporte sensoriomotor, emocional, cognitivo e energético. Um *continuum* sem interrupção de *awareness* leva a um Ah!, a uma percepção imediata da unidade óbvia de elementos díspares no campo. A *awareness* é sempre acompanhada

de formação de gestalt. Totalidades significativas novas são criadas por contato de *aware*. A *awareness* é, em si, a integração de um problema.

2.1. O caráter dialógico da Gestalt-terapia

A articulação com a filosofia dialógica buberiana ocorreu posteriormente à morte de Perls, porém a influência de Buber já pode ser sentida no decorrer de sua obra (KIYAN, 2009). O filósofo e teólogo judeu Martin Buber (1878-1965) considera que há duas modalidades de relacionamento com o mundo e, conseqüentemente, com as outras pessoas. A primeira é o que ele chama de Eu-Isso, na qual existe uma relação de utilidade onde o Isso é objeto de conhecimento e de experiência; é objeto, portanto, da consciência expressa pelo Eu. A outra modalidade é a Eu-Tu que, para ele, é onde ocorre uma verdadeira relação, na qual duas consciências co-participam do mundo e se encontram. Para Von Zuben (2001, p. 34):

O Eu se torna Eu em virtude do Tu. Isto não significa que devo a ele o meu lugar. Eu lhe devo a minha relação a ele. Ele é meu Tu somente na relação, pois, fora dela, ele não existe, assim como o Eu não existe senão na relação.

Sabendo que a gestalt-terapia é uma abordagem fundamentalmente fenomenológica e dialógica, fica clara a influência de Buber na obra gestáltica, já que ela considera que somos seres relacionais, constituídos a partir da relação com o outro e com o mundo. Um contato Eu-Isso é possível não só entre um ser e um objeto, mas também entre dois seres. Na verdade, essa modalidade de relacionamento, que se pauta na utilidade, é a mais presente no cotidiano, mas é apenas a relação Eu-Tu que oferece possibilidades de realização humana a ambos os envolvidos.

A relação autêntica Eu-Tu fundamenta-se em uma postura dialógica, na qual não existe uma exigência de concordância total, mas sim uma atitude de aceitação e compartilhamento. Ainda que com seu fundo existencialista e sua crença na liberdade e na solidão fundamentais do ser humano, a gestalt-terapia admite a possibilidade do contato, num momento de encontro verdadeiro:

O seu território, só você pode percorrer; não há como alguém sentir os sentimentos do outro, mas isso não significa que esse sentimento não possa ser compartilhado, dividido, de modo que um território possa tocar no outro, dois mundos possam realmente se comunicar (RODRIGUES, 2009, p. 145).

Cada indivíduo em relação é uma força que atua no campo vivencial do outro, assim como tem seu campo vivencial alterado por ele. (RODRIGUES, 2009). Desta forma, ocorre um processo de desvelamento recíproco: enquanto um Eu se revela a um Tu, simultaneamente se vê revelado para si próprio.

3. O espaço da relação

Os seres humanos, assim como os demais organismos vivos, existem em estreita inter-relação com seu meio ambiente. Nas palavras de Perls, Hefferline e Goodman

O *self* só encontra a si próprio e se constitui no ambiente (1997, p.61).

Não tem sentido falar, por exemplo, de um animal que respira sem considerar o ar e o oxigênio como parte da definição deste, ou falar de comer sem mencionar a comida, ou de enxergar sem luz, ou de locomoção sem gravidade e um chão para apoio, ou da fala sem comunicadores (idem, p. 42)

Assim, podemos nos referir a um indivíduo e seu meio como constituintes de um campo interacional que funciona de forma sistêmica, ou seja, qualquer alteração em um dos elementos causará, inevitavelmente, uma mudança no outro. Mas no campo indivíduo/meio interagem outras forças que não apenas as físicas. É fundamental considerarmos que os fatores históricos, sociais, culturais, físicos e biológicos são intrínsecos à existência humana (PERLS;HEFFERLINE,GOODMAN, 1997). Desta forma, qualquer ação do indivíduo afetará o campo no qual ele atua, e o contrário também é verdadeiro.

Perls, Hefferline e Goodman (1997, p.48) também apontam que

Emoções são unificações, ou tendências unificadoras, de certas tensões fisiológicas com situações ambientais favoráveis ou desfavoráveis, e, como tal, fornecem o conhecimento último

indispensável [...] dos objetos apropriados às necessidades, assim como o sentimento estético nos fornece o conhecimento último [...] de nossas sensibilidades e seus objetos.

Podemos dizer, portanto, que nossas emoções são constituídas a partir das relações tecidas entre as tensões mobilizadas pelas necessidades orgânicas e as situações encontradas no ambiente que favorecem ou não a satisfação dessas necessidades. Se tenho uma necessidade de acolhimento, por exemplo, e o ambiente em que me encontro corresponde a essa necessidade, sendo acolhedor e confortável, minha emoção preponderante suscitada por essa situação provavelmente será de satisfação e alegria. Porém, a mesma necessidade relacionada a um ambiente hostil e pouco hospitaleiro poderá evocar angústia, tristeza ou mesmo raiva.

Para Alexander (1979), o significado de um lugar e das experiências que vivemos nele não depende simplesmente do ambiente físico, mas também dos eventos que experienciamos lá:

Pense em uma grande sala, vasta, com janelas imensas, com uma enorme lareira, completamente vazia, sem móveis, exceto por um cavalete e uma cadeira – o estúdio de Picasso. Ele não é feito inteiramente das situações, das forças libertadas pela configuração dos eventos [que tiveram lugar lá]? [...] A vida de uma casa ou de uma cidade não é dada diretamente a elas através da forma de suas construções ou por sua ornamentação e planta – mas é dada pela qualidade dos eventos e situações que encontramos lá (ALEXANDER, 1979, p.63-65)¹

São os eventos que ocorrem lá, ou seja, o uso que se faz do espaço, que o determinam como um todo. Para Alexander, a vida se dá em padrões de eventos que ocorrem em um espaço. Por exemplo, quando pensamos em dormir, pensamos no quarto e nas ações que ocorrem lá e que se relacionam ao ato de dormir. Para o autor (idem, p. 70), *“A ação e o espaço são indivisíveis. A ação é apoiada por um determinado tipo de espaço. O espaço*

¹ Tradução da autora do original em inglês: *“Think of a big room, vast, huge windows, big empty fireplace, completely empty, no furniture at all, except an easel and a chair – Picasso’s studio. Is this not made entirely of the situations, the forces let loose by the configuration of events? [...] The life of a house, or of a town, is not given to it, directly, by the shape of its buildings, or by the ornament and plan – it is given to them by the quality of the events and situations we encounter there”.*

*suporta determinado tipo de ação. Os dois formam uma unidade, um padrão de eventos no espaço*². Da mesma forma, podemos considerar que não é possível separar a atuação terapêutica do espaço onde ela ocorre. Porém, é importante frisar que isso não significa que o espaço determine o tipo de eventos que ocorrerão lá de forma exclusiva, mas sim que um determinado padrão de eventos não pode ser separado do espaço onde ocorre.

Safra (1999, p.89) afirma que

a tendência, na atualidade, tem sido pensar o espaço como uma coisa, uma abstração, um *a priori*. Entretanto ele é mais do que tudo isso: é uma dimensão fundamental do acontecer e da experiência do *self*. É uma das dimensões do encontro do indivíduo com os outros.

O autor defende que são as experiências estéticas (do grego *aisthánestai*, “perceber através dos sentidos”) que oferecem as condições para que nos constituamos como seres-no-mundo:

Há, inicialmente, uma organização de *self* decorrente dos registros estético-sensoriais, que se estabelece no encontro do corpo do bebê com o corpo materno. As experiências organizam-se em formas sensoriais: de sons, de calor, de tato, de ritmos e de motilidade, entre outras. Estes inúmeros registros são presenças de vida, de ser (SAFRA, 1999, p.74).

Para ele, é o encontro do corpo do bebê, através dos sentidos, com “*um outro significativo em estado de devoção*” (idem, p.46), manifestado na figura da mãe, o que possibilita o desenvolvimento de um repertório imaginativo que permitirá que ele se sinta imerso em um primeiro campo existencial e tenha as primeiras vivências de lugar e de extensão/dimensão. Esse processo permite o surgimento da possibilidade de se relacionar com espaços diferentes, a partir do próprio corpo elaborado imaginativamente. A arquitetura, para Safra (idem, p.83)

tem os seus inícios derivados dos sentidos espaciais e de lugar vivenciados pelo ser humano a partir de seu corpo no mundo. Assim, os muros e paredes são construídos para descrever a territorialidade humana, estendendo as fronteiras corporais para o mundo exterior.

² Tradução da autora do original em inglês: “*The action and the space are indivisible. The action is supported by this kind of space. The space supports this kind of action. The two form a unit, a pattern of events in space*”.

Telhados, além de proteger o homem do sol e da chuva, coroam a construção como a cabeça o faz com o corpo humano, e assim por diante.

. Botton (2007, p.62), citando o crítico de arte inglês John Ruskin (1819-1900), afirma que buscamos nas edificações duas coisas: “*Queremos que elas nos abriguem. E queremos que elas falem conosco – que falem conosco sobre aquilo que achamos importante e precisamos ser lembrados*”. O que nossas salas de atendimento falam conosco e de nós, terapeutas? O que falam para nossos clientes? O mais evidente dito por elas é, certamente, a respeito do cuidado do ambiente físico como medida de hospitalidade do terapeuta. Mas também existem fatores intangíveis, como as ações que ocorrem no *setting* terapêutico e que o determinam como lugar, e que, assim como o ambiente físico, fazem parte dele. Discutiremos isso a seguir.

3.1. A ética como morada do terapeuta

Migliavacca (2008), numa leitura psicanalítica, define *setting* como sendo a “moldura” que contém as experiências vividas na relação terapêutica e que abrange não só o ambiente físico, mas também um determinado método, a partir do qual será feita a leitura clínica; uma técnica, que abrange os arranjos práticos necessários para que o processo se dê de forma clara e adequada; e uma ética, que regerá a relação terapêutica em si. Em termos de Gestalt-terapia, talvez fosse mais adequado falarmos em “configuração”, já que “moldura” implica em certo enquadramento e destaque em relação àquilo que ocorre dentro de seus limites. O termo configuração é mais coerente com a proposta e a visão holística e sistêmica da Gestalt-terapia. Sendo assim, não é possível separar as vivências terapêuticas do *setting* onde elas ocorrem. Mais à frente, a autora (idem, p. 223-224) define *setting* de uma forma mais próxima dessa visão:

Os processos psíquicos que se desenrolam na sessão correspondem ao contido e o *setting* ao continente. Onde há um contido, este busca e anseia por um continente; o continente, por sua vez, pressupõe um contido. Um não se constitui sem o outro. Ambos formam uma unidade que possibilita pensar a clínica e os processos que se dão nela. Isto é, o *setting* só existe na relação com aquilo que ele contém,

que, por sua vez, necessita de um continente dentro da qual a vida psíquica possa existir e se expressar com liberdade.

Em termos mais gestálticos, Mann (2010) afirma que

Para que a gestalt terapia aconteça, tudo o que precisamos é de duas pessoas. No entanto, o setting e o contexto irão afetar profundamente a natureza do encontro entre essas duas pessoas. O ambiente que criamos interage com a relação terapêutica – as relações não se dão num vácuo. Para a terapia precisamos de um espaço privado e protegido, mas também precisamos reconhecer que qualquer espaço clínico terá uma “voz”, e que alguns serão mais “clínicos” do que outros (MANN, 2010, p. 77)³.

Segundo o autor, o *setting* é uma das condições de campo que irão determinar as expectativas do cliente em relação a seu processo, e sugere que ele “*precisa ser suficientemente suportivo para o cliente e para o terapeuta*” (idem, p.78). Ele inclui aqui vários fatores ambientais, como a decoração da sala, o estilo do terapeuta se vestir, o tamanho da sala e as possibilidades que o local oferece de aplicação de certas propostas de experimentos, apontando que

Precisamos reconhecer de que maneiras o setting pode limitar as possibilidades terapêuticas. Por exemplo, se eu estou trabalhando em um centro médico movimentado, trabalhos catárticos podem ser impróprios, ou o tamanho da sala pode limitar algumas formas de trabalho corporal (idem, p.78)⁴.

Mann também considera importantes fatores como a postura pessoal do terapeuta e a maneira pela qual ele se apresenta: “acolhedor e afetuoso, ‘professoral’, distante, austero, e até se o terapeuta acredita que a mudança é possível” (idem, p.79).

A partir dessa ideia, podemos descrever o *setting* como o ambiente físico onde ocorre a terapia, aliado ao conjunto de conhecimentos técnicos,

³ Tradução da autora do original em inglês: “*For gestalt-therapy to take place all we need is two people. However, the setting and context will profoundly affect the nature of the meeting of those two people. The environments we create interact with the therapeutic relationship – relationships do not take place in a void. For therapy we need a private, protect space but also need to recognize that any clinical space will have a ‘voice’ and some will be more ‘clinical’ than others*”.

⁴ Tradução da autora do original em inglês: “*We need to acknowledge the ways in which the setting might limit therapeutic possibilities. For example, if I am working in a busy medical centre some cathartic work may be inappropriate or the size of the therapy room might preclude some forms of bodywork*”

teóricos, práticos e estéticos do terapeuta, além de sua postura pessoal. Cardella (1994) afirma que o vínculo com o cliente se forma a partir de um “estado de ser amoroso do terapeuta” (p.63). Para ela, o terapeuta amoroso é aquele que

se oferece como instrumento para que o cliente experimente com segurança todo sofrimento auto-imposto e, a partir da constatação profunda de seus modos de existir, possa confirmar-se e compreender-se para ser capaz de amar a si mesmo.

Todos esses são fatores que se refletem no ambiente que o terapeuta oferece a seu cliente e abrem caminho à possibilidade do estabelecimento de uma relação autêntica. Porém, ao falarmos de postura pessoal e do estado amoroso do terapeuta, estamos falando fundamentalmente de ética. Figueiredo (1996) sugere que a atitude ética está sempre envolvida em tudo que se refere às relações entre indivíduos, inclusive indivíduos não-humanos, como animais, plantas e a Natureza como entidade mais ampla. Ou seja, há uma dimensão ética subjacente a toda ação e relação humana. Para o autor,

as éticas têm, em comum, algo a ver como o *habitar o mundo*. Já no plano etimológico, *ethos* – o objeto da ética tomada como reflexão ou “teoria” – se refere tanto aos *costumes e hábitos* como a *morada*. Na verdade, *hábitos* e *habitações* compartilham a mesma raiz. O homem é arremessado num mundo, que ele não escolheu, e aí ele *é como ia abertura* ao que deste mundo lhe vem ao encontro, ou seja, ele existe no sentido preciso [...] de *ser-no-mundo*. Nessa expressão, “no mundo”, não indica um lugar em que se é, mas o próprio *modo de ser* do homem (FIGUEIREDO, 1996, p.44).

A ética pode ser vista, portanto, como o lugar de onde o indivíduo manifesta a sua subjetividade e de onde ele vê e se relaciona com o mundo, sendo assim um resultado das experiências e das representações simbólicas de cada um. O autor compreende, então, a ética como *ethos/morada* e afirma que ela é como uma casa que nos permite sermos nós mesmos, por proporcionar um “*habitar sereno e confiado*” (idem, p. 44).

Essa visão de ética como morada é o que nos permite relacionar as questões metodológicas, teóricas e práticas envoltas na atividade psicoterapêutica gestáltica com os fatores estéticos e ambientais presentes na

elaboração do espaço físico onde se dá a terapia, já que coloca a subjetividade do terapeuta como fator determinante daquilo que chamamos de atitude terapêutica. Podemos considerar que a “produção” do espaço terapêutico é uma produção poética, no sentido lato da palavra. A origem da palavra “poética” é grega, de *poein*, “fazer”. É possível dizer, então, que cada terapeuta aplica a seu *setting* as suas próprias ética e poética particulares no espaço que cria, manifestando seu *self* em seu estilo pessoal como seu modo de *ser-no-mundo*. Ainda que o espaço físico não lhe pertença, que ele atenda em uma instituição ou clínica, sua mera presença atenta e inteira trará consigo a elaboração única e original do *setting* onde atua.

4. O terapeuta como anfitrião

Vimos que o ser humano existe imerso num campo relacional, e só pode, portanto, ser compreendido nas interações organismo-meio. Não há como separar essas duas dimensões, já que elas funcionam em estreita intermutualidade, sendo no meio que o indivíduo busca as possibilidades de satisfação de suas necessidades, modificando-o nesse processo. São as *fronteiras de contato* que fazem a intermediação entre o organismo e o mundo externo, funcionando como filtros que, numa situação de saúde organísmica, deixam penetrar aquilo que vem do ambiente que é nutritivo e barram o que é tóxico. Essas fronteiras são flutuantes, podendo expandir-se ou retrair-se, como reação às experiências vividas. A flexibilização das fronteiras de contato melhora e enriquece a qualidade do contato do indivíduo com o mundo, colaborando para seu crescimento e para a realização de seus potenciais.

Yontef (1998) aponta que fronteiras eficazes são flexíveis, alternando constantemente entre abertura e fechamento, e permitem o acesso do que vem de fora, ao mesmo tempo em que são impermeáveis o suficiente para manter a autonomia do indivíduo e não permitir o acesso do que é prejudicial. A fronteira de contato não diz respeito exclusivamente nem ao organismo, nem ao meio, ela é resultante da interação de ambos, estando contida no “entre”, na relação. Sua flexibilidade é determinada pelas experiências de vida de cada indivíduo e por sua capacidade de assimilar experiências novas. É

através do contato que o novo é assimilado ou rejeitado, e a partir dele ocorrem transformações na pessoa, assim como nas experiências que ela tem do mundo.

Segundo Rodrigues (2000, p.47), para a Gestalt-terapia,

saúde implica em um reconhecimento da capacidade do indivíduo em manter-se em contato com o seu contexto, podendo - dentro de um processo de escolha espontâneo - optar sobre a melhor forma e o melhor momento de efetuar suas trocas com o mundo.

O contato com o meio se dá a partir das *funções de contato*. Segundo Polster (2001), elas são sete: olhar, ouvir, tocar, cheirar, provar, falar e movimentar-se- e nos colocam em relação direta com tudo aquilo que ocorre no mundo externo. Polster (idem, pp. 113-114) afirma que

O contato é o sangue vital do crescimento, o meio para mudar a si mesmo e a experiência que se tem do mundo. A mudança é um produto inevitável do contato porque apropriar-se do que é assimilável ou rejeitar o que é inassimilável na novidade irá inevitavelmente levar à mudança.

Para Perls, Hefferline e Goodman (1997, p.179), “*contatar é, em geral, o crescimento do organismo*”. Os autores (idem, p.179) chamam de *self* ao

sistema complexo de contatos necessários ao ajustamento no campo imbricado. O *self* pode ser considerado como estando na fronteira do organismo, mas a própria fronteira não está isolada do ambiente, entra em contato com este; e pertence a ambos, ao ambiente e ao organismo.

O *self*, para a Gestalt-terapia, é o processo fluido de formação e destruição de figuras e fundos, responsável pelos contatos e ajustamentos criativos no ambiente. Algumas características desse sistema são a fluidez, a flexibilidade, o caráter processual e seu papel integrador do organismo em contato com o meio. “O *self* é a *fronteira-de-contato em funcionamento, sua atividade é formar figuras e fundos*” (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997, p.49). O *self* gestáltico é, então, um processo, já que se refere ao ser-no-mundo, sempre dinâmico, sempre em relação, sempre agindo sobre o

meio e o transformando, enquanto transforma a si mesmo. Para Latner (apud GINGER, 1995, p.127),

o self é nossa maneira particular de estarmos envolvidos em qualquer processo, nosso modo de expressão individual em nosso contato com o meio. Ele é o agente de contato com o presente, que permite o nosso ajustamento criador.

Ele integra três funções: *id*, *ego* e *personalidade*. A função *id* relaciona-se às necessidades orgânicas, às pulsões internas, às necessidades vitais e aos atos automáticos é o fundo do qual emergem as excitações do organismo, a percepção vaga do ambiente e os sentimentos ainda incipientes que os conectam. A função *ego* é a que faz a mediação entre necessidades e possibilidades ambientais, regula o contato e permite manipular o meio a partir de uma tomada de consciência das necessidades e desejos e é responsável pelas funções de orientação e manipulação do ambiente e pelo comportamento motor. A *personalidade* faz a elaboração das experiências vividas, integrando-as através da assimilação do novo e construindo a identidade.

Vemos então que o ser humano se constitui na relação com o meio que nos cerca e que é formado pelas outras pessoas, mas também pelo ambiente físico, pela natureza e pela cultura. Safra (2004, p. 44) afirma que “o homem não existe sem a natureza e a cultura”. Para Weil (1996), as raízes do ser humano firmam-se em sua participação ativa, responsável e natural na coletividade, alimentando-se do passado, fundando sua existência no presente e presentindo o futuro. Segundo a autora, o desenraizamento (que pode ser consequência de fatores como desemprego, má condições de trabalho, imigração, falta de instrução, entre outros) é a mais grave doença de que as sociedades humanas podem padecer, pois ele multiplica a si próprio. Safra (2004) considera que a contemporaneidade produz o fenômeno do desenraizamento de forma mais intensa, e o localiza em três registros: o *étnico*, o *estético* e o *ético*. O *desenraizamento étnico* ocorre devido à falta de ligação com a memória da origem do indivíduo, dando origem a uma solidão que vem da falta de pertencimento. O *desenraizamento estético* origina-se no fato de termos, atualmente, organizações estéticas altamente abstratas e

tecnológicas que não se relacionam com a organização corporal humana. O *desenraizamento ético* acontece como consequência da falta de respeito e responsabilidade por tudo o que é humano. Os desenraizados comportam-se de duas maneiras possíveis: recaem em uma inércia de alma que equivale à morte ou perpetuam o desenraizamento, através de atitudes que podem culminar em violência extrema (SAFRA, 2004).

Decorre daí a atuação fundamental do terapeuta hospitaleiro, que ajudará seu cliente a habitar a mundo e a atingir o sentimento de estar “em casa” nele. Cardella (2001, p.20) afirma que “*só é possível alcançar o primordial sentir-se em casa quando a pessoa viveu em algum momento de sua vida uma experiência de Hospitalidade, quando foi acolhida no mundo humano*”.

A Gestalt-terapia também enfatiza a hospitalidade como necessidade fundamental, ao conceber o indivíduo como ser no campo e ao considerar que o diálogo é o princípio fundante da humanidade. Estar alijado do mundo é estar em sofrimento, é não viver em plenitude as possibilidades de existência.

5. Ambiente e campo

Para o pensamento gestáltico que, conforme vimos, está fortemente fundamentado nas teorias holística e de campo, organismo e ambiente formam uma unidade indissociável. Nas palavras de Perls, Hefferline e Goodman,

Em toda e qualquer investigação biológica, psicológica ou sociológica temos que partir da interação entre o organismo e seu ambiente. Não tem sentido, por exemplo, falar de um animal que respira sem considerar o ar e o oxigênio como parte da definição deste (...). Não há uma única função, de animal algum, que se complete sem objetos e ambiente, quer se pense em funções vegetativas, como alimentação e sexualidade, quer em funções perceptivas, motoras, sentimento ou raciocínio. (...) Denominemos esse interagir entre organismo e ambiente em qualquer função o ‘campo organismo/ambiente’ e lembremo-nos de que qualquer que seja a maneira pela qual teorizamos sobre impulsos, instintos, etc., estamos nos referindo sempre a esse campo relacional” (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997, p.42).

Desta forma, podemos afirmar que o ambiente no qual o indivíduo está inserido informa e determina sua ação, ao mesmo tempo em que é afetado e modificado pela ação do indivíduo que compõe, com ele, o campo indivíduo (ou organismo)/ambiente. Para os autores, esse campo não é apenas físico, mas nele “*interagem pelo menos fatores socioculturais, animais e físicos*” (idem, p.42).

As ideias de Merleau-Ponty (2004, P.17) reafirmam essa visão, e descrevem, de modo poético, de que forma se dá a inter-relação entre indivíduo e mundo:

Visível e móvel, meu corpo conta-se entre as coisas, é uma delas, está preso no tecido do mundo, e sua coesão é a de uma coisa. Mas, dado que vê e se move, ele mantém as coisas em círculo a seu redor, elas são um anexo ou um prolongamento dele mesmo, estão incrustadas em sua carne, fazem parte de sua definição plena, e o mundo é feito do estofa mesmo do corpo.

Estar imerso no mundo, fazendo parte dele, modificando-o e sendo modificado pelos fenômenos que nele tomam forma é condição de saúde orgânica para a Gestalt-terapia, já que é no meio que indivíduo encontra as condições para que suas necessidades sejam satisfeitas. Porém, vemos que, na atualidade, isso nem sempre ocorre. Como vimos no capítulo anterior, a contemporaneidade tem produzido pessoas alheias ao ambiente que as cerca, desenraizadas, portanto, da condição humana de seres-no-mundo. Ao mesmo tempo, produz também aquilo que Augé (1994) chama de *não-lugares*. O autor considera que um lugar é definido por sua identidade, pelas relações que promove e pela sua historicidade. Portanto, espaços que não podem ser definidos por esses parâmetros, em sua concepção, são não-lugares. Para ele, o mundo contemporâneo é

Um mundo onde se nasce numa clínica e se morre num hospital, onde se multiplicam, em modalidades luxuosas ou desumanas, os pontos de trânsito e as ocupações provisórias (as cadeias de hotéis e os terrenos invadidos, os clubes de férias, os acampamentos de refugiados, as favelas destinadas aos desempregados ou à perenidade que apodrece), onde se desenvolve uma rede cerrada de meios de transporte que são também espaços habitados, onde o frequentador das grandes superfícies, das máquinas automáticas e dos cartões de crédito renovado com os gestos do comércio "em surdina", um mundo assim prometido à individualidade solitária, à passagem, ao provisório e ao efêmero (AUGÉ, 1994, p.73-74).

Auxiliar o cliente a recuperar a experiência de habitar plenamente um lugar e a se reconectar com sua própria corporeidade e, assim, religar-se também à natureza e às múltiplas possibilidades de se estar no mundo, essa é uma das funções do terapeuta, de acordo com Cardella (2011).

“Não há intimidade verdadeira que afaste. Todos os espaços de intimidade se caracterizam por uma atração. Repitamos uma vez mais que seu ser é o bem-estar” (BACHELARD,1974,p. 363). Se pensarmos que a relação terapêutica autêntica talvez seja uma das mais íntimas possíveis entre dois seres humanos, podemos afirmar que ela necessita de um espaço atraente para que ocorra da forma mais satisfatória possível. Mas o que caracteriza a atração exercida por um espaço? A parte as questões relacionadas ao gosto pessoal de cada um dos envolvidos, é possível citarmos algumas maneiras de se buscar explicar o que faz de um lugar um espaço atraente e, portanto, propício à intimidade, como a Psicologia Ambiental.

5.1. As origens da psicologia ambiental

As primeiras tentativas de se explicar de que forma os ambientes afetam a saúde e o comportamento dos seres humanos aparecem nos trabalhos de Hipócrates de Cós (460 - 377 a.C). “Sobre Ares, Águas e Lugares” é considerado um dos livros mais importantes de sua obra. Segundo Capra (2006, p.305), essa obra

representa o que chamariamos hoje de um tratado sobre a ecologia humana. Mostra em detalhes como o bem estar dos indivíduos é influenciado pelos fatores ambientais – a qualidade do ar, da água e dos alimentos, a topografia, os hábitos gerais da vida.

Mais tarde, a partir do século XIX, os estudos iniciais que buscavam legitimar a psicologia enquanto ciência já deixavam clara a preocupação em estudar as relações entre o ser humano e o ambiente em que ele está inserido. Podemos mesmo dizer que a psicologia moderna, em seus primórdios, tinha por objetivo compreender de que forma o comportamento humano é determinado pelas influências ambientais. Em meados do século XIX, Gustav Fechner (Alemanha, 1801-1887) sistematizou o que chamou de **psicofísica**,

que estudava as relações entre o mundo mental e o material, e incluía experimentos com percepção visual e tátil. Wilhelm Wundt (Alemanha, 1832-1920) herdou a sua obra e, em 1875, fundou o laboratório que deu origem à nova ciência da Psicologia, em Leipzig, onde deu continuidade ao trabalho de Fechner, realizando novas pesquisas sobre percepção. Quase que simultaneamente, nos Estados Unidos, William James (EUA, 1842-1910), que estudou psicologia na Universidade de Berlim, na Alemanha, e já havia manifestado o desejo de estudar com Wundt dez anos antes da fundação de seu laboratório, desenvolveu o trabalho que viria a ser conhecido como a doutrina fundamental da psicologia funcionalista norte-americana. Para ele, a meta da psicologia era o estudo da adaptação dos seres humanos ao seu meio ambiente, e a função da consciência, oferecer os meios necessários para a sobrevivência (SCHULTZ;SCHULTZ, 2006).

Mais tarde, com a ênfase nos aspectos subjetivos e no inconsciente trazida pela psicanálise fundada por Freud em 1900 (com a publicação de sua obra *A Interpretação dos Sonhos*) e que ganhou força no mundo todo, tendo seus conceitos incorporados à psicologia contemporânea, o estudo do ambiente físico como fator determinante do comportamento teve seu interesse diminuído, porém a abordagem comportamental nunca o perdeu de vista. B. F. Skinner, seu maior expoente (EUA, 1904-1990) e que, segundo Schultz e Schultz (2006, p.291) chegou a ser considerado o psicólogo mais influente do mundo, acreditava que *“o organismo humano seria controlado e operado pelas forças do ambiente, pelo mundo exterior, e não pelas forças internas”* (SCHULTZ;SCHULTZ, 2006, p.294).

Simultaneamente ao desenvolvimento do behaviorismo e com severas críticas a ele, a Psicologia da Gestalt, de acordo com Burow e Scherpp (1985), teve início como uma tentativa de compreender de que forma os lesionados da Primeira Guerra Mundial tinham sua percepção do mundo alterada pelos ferimentos sofridos. A partir daí, estabeleceu alguns pressupostos que explicam os fenômenos da percepção também em pessoas saudáveis, naquelas que foram chamadas Leis da Percepção da Gestalt. Essa abordagem leva em conta o valor da consciência e estuda os mecanismos psicofisiológicos da percepção e as relações do organismo com o meio. Considera que a

relação entre sujeito e objeto é dialética, portanto o aspecto do objeto depende das necessidades do sujeito. Dela, a Gestalt-terapia herdou o seu nome. Gestalt é uma palavra na língua alemã que não tem tradução equivalente em qualquer outra língua. Perls (2011, p. 19) a define da seguinte maneira: “*Uma Gestalt é uma forma, uma configuração, o modo particular de organização das partes individuais que entram em sua composição*”. A Gestalt-terapia enfatiza as similaridades entre o domínio físico e o psíquico, considerando que eles obedecem a leis análogas, daí a relevância da Psicologia da Gestalt, que ofereceu à Gestalt-terapia um de seus conceitos mais conhecidos: o de figura e fundo. Em nossa relação com o mundo que nos cerca, não percebemos as coisas isoladamente, mas sim organizadas de maneira a formarem um todo significativo. Daí uma das críticas mais contundentes ao behaviorismo, ou psicologia comportamental, por seu fundo mecanicista e as tentativas de reduzir a percepção a elementos sensoriais separados entre si, a fim de estudá-la. Para a Gestalt, o todo é sempre diferente da soma de suas partes.

De toda forma, foi a partir da psicologia comportamental que surgiu o que hoje conhecemos por psicologia ambiental. Bell *et al* (2005) afirmam que, até a década de 1950, os estudos em psicologia não objetivavam compreender sistematicamente a interação entre ambiente e comportamento de uma forma mais ampla. Foi só a partir dessa época que as pesquisas relacionadas à área começaram a se desenvolver. Bell *et al* (*idem*) citam como pioneiro na área o trabalho de Barker e colaboradores, que estudaram o efeito do ambiente escolar no comportamento de crianças e complementam (*idem*, p.9):

Pesquisas sobre comportamento espacial, projetos de alas psiquiátricas e outros aspectos das relações ambiente – comportamento também se desenvolveram durante esse período (por exemplo, Hall, 1959; Osmond, 1957). Arquitetos e cientistas do comportamento deram início ao que se tornou uma longa colaboração, no esforço de atingir outro objetivo: projetar edifícios que facilitassem funções comportamentais.⁵

⁵ Tradução da autora do original em inglês: “*Research on spatial behavior, psychiatric ward design, and other aspects of environment – behavior relationships also developed during this period (e.g. Hall, 1959; Osmond, 1957). Architects and behavioral scientists began what has become a long-standing collaboration in an effort to achieve another objective: designing buildings to facilitate behavioral functions*”.

5.2. Definição e características da Psicologia Ambiental

Bell et al (2005) definem Psicologia Ambiental como sendo o estudo das relações entre os ambientes naturais ou construídos e o comportamento de seus usuários. Lembremos da visão gestáltica, fundamentada no pensamento holístico e na Teoria de Campo e que, portanto, não admite separações entre mente/corpo. Para o pensamento holístico, o homem é um ser-no-mundo que age transformando e sendo transformado pelo meio onde está inserido, inclusive criando novas realidades a partir das escolhas que faz. A visão do holismo é sistêmica: todos os fenômenos são considerados em interdependência circular. A Teoria de Campo, sistematizada por Kurt Lewin, considera que o indivíduo existe em interdependência com o meio no qual está inserido, sendo então impossível compreender uma pessoa separadamente do meio em que ela vive (GINGER, 1995; KIYAN, 2001; RIBEIRO, 1985; RODRIGUES, 2009).

Ribeiro (1985, p.116) afirma que *“o corpo, nas suas diversas manifestações, é a expressão visível do interior de cada um”*. Portanto, podemos dizer que, para a Gestalt-terapia, comportamento e subjetividade são indissociáveis, assim como o são o indivíduo e o meio no qual ele está imerso. Ou seja, podemos dizer que o objeto de estudos de uma Psicologia Ambiental fundada na Gestalt-terapia são as inter-relações presentes na unidade indivíduo/meio.

Bell et al (2005) descrevem algumas características da Psicologia Ambiental contemporânea:

- Ênfase no estudo integrado das relações entre ambiente e comportamento, considerando que o estímulo oferecido pelo meio e a sua percepção funcionam como uma unidade holística e, portanto, interdependente. Ou seja, não podem ser separados em componentes a serem estudados isoladamente;

- Devido ao caráter holístico das relações ambiente/organismo, o comportamento de um indivíduo é influenciado pelo meio e também o modifica;
- Não há uma distinção clara entre pesquisa básica e pesquisa aplicada. Para os autores, pesquisa básica é aquela que tem por objetivo obter informações sobre o objeto de estudo de forma teórica, através da descoberta das relações de causa e efeito, sem necessariamente visar a solução de um problema prático. A pesquisa prática, ao contrário, parte de um problema a ser resolvido e não pretende construir um corpo teórico, mas resolver a questão a que se propôs. No caso da Psicologia Ambiental, ambas as abordagens costumam ocorrer simultaneamente, sendo a pesquisa mais comumente orientada à solução de problemas, como, por exemplo, o estudo do impacto da ação humana sobre o meio ambiente e projetos de edifícios adequados no que se refere a seu uso, nível de conforto, etc.
- A Psicologia Ambiental é um campo de estudos fundamentalmente interdisciplinar, envolvendo disciplinas como arquitetura, urbanismo, antropologia, sustentabilidade, ecologia, engenharias de diversas áreas, geografia e geologia, economia, direito, e outras, além da psicologia.

A Psicologia Ambiental, apesar de ainda incipiente no Brasil, recebeu reconhecimento em diversos países a partir de meados da década de 1970 como uma divisão da psicologia, e há alguns jornais indexados sobre o campo, como *Environment and Behavior* e *Journal of Environmental Psychology*, além de associações internacionais, como a *International Association of People-Environment Studies* (IAPS).

5.3. Métodos de Pesquisa e Coleta de Dados em Psicologia Ambiental

Da mesma forma que a pesquisa em outras áreas da Psicologia, a Psicologia Ambiental se vale de métodos experimentais, correlacionais e descritivos. A principal diferença é que os estudos ambientais exibem a tendência de serem quase sempre aplicados e de acontecerem nos próprios

locais a serem pesquisados, e não em laboratórios. Portanto, as técnicas mais utilizadas são as pesquisas de campo. A seguir, uma breve descrição de cada um dos métodos citados, segundo Bell et al. (2005):

- **Método experimental:** é aquele que permite aos pesquisadores identificar qual é a variável que está causando os efeitos observados em um estudo. Nele, “o pesquisador varia sistematicamente uma **variável independente** (p.ex, calor) e mede o efeito em uma **variável dependente** (p. ex, desempenho)” (BELL et al, 2005, p. 10). Esse não é o método preferido nas pesquisas em psicologia ambiental, já que a necessidade de um rígido controle das variáveis cria uma situação artificial, incompatível com o *setting* real. Porém, essa metodologia pode ser útil para avaliar algumas questões ambientais específicas, como, por exemplo, os níveis de conforto térmico e acústico de um local e seus efeitos nos usuários.
- **Método correlacional:** nesse método não há manipulação de variáveis ou de condições. Ele depende da observação cautelosa da relação entre variações que ocorrem naturalmente e alguma outra variável. Por exemplo, digamos que um pesquisador quer avaliar se a visitação às Cataratas do Iguaçu é menor caso haja neblina. Observando as variações naturais na visibilidade e o movimento de visitantes ele pode correlacionar as duas variáveis que, no entanto, fogem completamente ao seu controle. Assim, pode inferir de que forma uma das variáveis (a visibilidade) afeta a outra (o número de visitantes). Apesar de bem menos acurado do que o método experimental, esse método oferece algumas vantagens, em especial nos casos como o citado, em que é impossível ou antiético manipular as condições ambientais, como, por exemplo, na avaliação do impacto psicológico de acidentes naturais. A pesquisa por correlação pode ser dividida em duas modalidades: uma delas determina a associação entre mudanças ambientais ocorridas naturalmente (como, por exemplo, em um terremoto) e o comportamento das pessoas presentes. A outra correlaciona dados de arquivo, como por exemplo, o índice de criminalidade de determinado local, com as condições ambientais desse lugar.

- **Método descritivo:** é aquele que se baseia na descrição das condições, características e reações que ocorrem em determinada situação. Por ser o mais flexível dentre os três métodos, é o utilizado com mais frequência na pesquisa em psicologia ambiental. Permite estudar, por exemplo, padrões de ocupação de espaço ou de movimentação de pessoas em um ambiente público ou a percepção sobre uma cidade ou ambiente.

Em relação à coleta de dados, são utilizadas tanto as técnicas de medição comuns a todas as áreas da psicologia quanto emprestadas de outros campos de atuação. Em todos os casos é importante, na medida do possível, que os sujeitos não saibam o que está sendo medido, nem quando, a fim de tornar os dados colhidos o mais imparciais possível. Bell et al (idem) apresentam quatro métodos de coleta de dados, descritos a seguir:

- **Metodologia de dados auto-informados:** consiste em perguntar aos sujeitos de pesquisa como eles se sentem e o que pensam é o método mais simples e óbvio de avaliar emoções, atitudes e comportamentos. As informações podem ser obtidas através de entrevistas, questionários ou técnicas projetivas. Apesar de ser o único método possível em algumas situações, as respostas podem ser influenciadas pela interpretação dos sujeitos pesquisados e são sujeitas a serem enviesadas por preferências pessoais. A fim de minimizar esses riscos é importante que sejam criados questionários ou inventários padronizados, que permitam a comparação mais acurada dos dados.
- **Técnicas de observação:** através da observação direta os pesquisadores conseguem determinar comportamentos e interações em determinado ambiente. Esses métodos também podem ter seus resultados afetados por interpretações dos pesquisadores ou erros na decodificação dos comportamentos, o que pode ser minimizado pela utilização de equipamentos fotográficos ou de gravação de imagens. A sua vantagem é que os sujeitos não necessariamente saberão que estão sendo observados, diminuindo o risco de manipulação dos resultados.

- **Desempenho de tarefas:** método utilizado no caso de pesquisas que visam estudar de que forma condições ambientais afetam a habilidade das pessoas em desempenhar determinadas tarefas. Os autores citam um exemplo no qual a medida de interesse é a tolerância à frustração em ambientes de alto nível de ruído. Para tanto, utiliza-se um teste de tolerância à frustração no qual são apresentados aos sujeitos de pesquisa quatro quebra-cabeças na forma de linhas desenhadas em papéis separados. Os participantes são solicitados a recobrirem as linhas com um lápis, sem passar duas vezes pela mesma linha e sem levantarem o lápis do papel. A cada erro, o formulário deve ser descartado e um novo é fornecido. Porém, dois desses quebra-cabeças são insolúveis. O objetivo é, através da contagem dos formulários descartados e do tempo despedido na tentativa de solução dos problemas insolúveis, determinar a persistência e a tolerância à frustração.
- **Medidas de rastros:** se dão através da avaliação de rastros deixados por atividades específicas como, por exemplo, o volume de lixo em uma lixeira para verificar o alcance de uma campanha de reciclagem ou o padrão de desgaste de um carpete como indicador de padrões de deslocamento.

A escolha do método de medição mais adequado se dá a partir da determinação de quais variáveis são de interesse do estudo. Se o que vai ser observado é o comportamento, por exemplo, pode-se utilizar medidas auto-informadas ou técnicas de observação.

O que determina a escolha dos métodos é que a técnica de medição selecionada seja capaz de avaliar aquilo que se deseja medir, de modo que o setting seja o menos perturbado possível e que os sujeitos de pesquisa sejam pessoas reais, inseridas em ambientes reais.

6. Metodologia de trabalho: a fotografia contemplativa ou Miksang

Uma das questões importantes surgidas a partir dessa pesquisa foi como trazer para o trabalho final a dimensão estética tão presente e relevante tanto para o tema em si, quanto para a abordagem eleita para fundamentá-lo teoricamente, a Gestalt-terapia. A solução foi encontrada em uma prática já corrente dentre as atividades da pesquisadora: a fotografia contemplativa, ou Miksang. Miksang é uma palavra tibetana que significa “olho bom”, e descreve uma prática meditativa que teve origem no Budismo Shambhala preconizado por Chogyam Trungpa. Como prática de meditação, descreve um processo de abertura da percepção que tem por objetivo trazer a presença atenta e de qualidade de quem a pratica. De acordo com texto publicado no site do Miksang Institute for Contemplative Photography®,

Quando sincronizamos olho e mente, abandonamos todos os conceitos e predisposições e nos tornamos completamente presentes no momento. O mundo se torna um mostruário mágico de vívida percepção (*What's Miksang?*)⁶.

Ao contrário da fotografia tradicional, onde a técnica e os recursos oferecidos pelo equipamento fotográfico têm papel preponderante, na Fotografia Contemplativa o que interessa é o olhar atento e claro de quem fotografa. Pode-se, portanto, fazer uso de uma câmera fotográfica muito simples, ou mesmo de um aparelho celular, pois o que importa não é a qualidade técnica da fotografia, mas sim a qualidade da presença do fotógrafo. Karr e Wood (2011, p.2-3) apontam que

Tendo crescido em uma determinada cultura, nós naturalmente formamos conceitos sobre quais assuntos são atraentes, quais são artísticos, quais valem a pena [serem fotografados]. Esses conceitos são como filtros ou gabaritos que se sobrepõe à nossa experiência [...] Por desviarem o fotógrafo do mundo da forma visual, esses conceitos tornam-se obstáculos para uma visão clara. Distraída pelos conceitos, a visão se torna vaga e distorcida. Com a percepção obnubilada pelas imagens mentais é difícil ao fotógrafo convencional ver o todo que está fotografando, e fácil para ele não prestar atenção naquilo que não se encaixa no gabarito.

⁶ Tradução da autora do original em inglês: “*When we synchronize eye and mind, we abandon all concepts and predispositions and become completely present in the moment. The world becomes a magical display of vivid perception*”.

O objetivo da Fotografia Contemplativa, ao contrário, é de desenvolver a habilidade de se fotografar aquilo que se vê. Para os mesmos autores, isso só é possível quando estamos presentes no momento e nossa visão se torna clara, não obscurecida por expectativas ou pressupostos. Podemos perceber aqui ligações bastante claras com a Gestalt-terapia, em especial no que se refere à postura fenomenológica, em especial a fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty, que coloca o homem como alguém que não só habita o mundo, mas, mais do que isso, está profunda e intrincadamente implicado nele. Também permite inter-relações com questões como a alternância figura-fundo e a emergência de significados, já que o estado ideal para se praticar o Miksang é, como o próprio termo em português descreve, um estado contemplativo do qual emergirão subitamente os assuntos a serem fotografados e para o qual se voltará após o disparo da câmera, assim como com a awareness como presença ativa e implicada, conceitos esses já abordados no capítulo dois.

O método utilizado para a obtenção das fotografias que ilustram e configuram esse trabalho foi, então, a Fotografia Contemplativa. A própria pesquisadora fez três fotografias de seu consultório, procurando enquadrá-las nos parâmetros do Miksang, ou seja, buscando uma suspensão fenomenológica que permitisse fotografar mais fielmente possível o que ela estava vendo. Em seguida, escreveu uma frase que definisse a sua concepção de um espaço psicoterapêutico ideal. A câmera utilizada foi uma compacta Nikon Coolpix com 16 megapixels de resolução. Quatro clientes atendidas pela pesquisadora em seu consultório foram convidadas a fazer três fotografias dos ângulos à sua escolha do espaço após um de seus atendimentos habituais, utilizando a mesma câmera. Nenhuma delas é fotógrafa profissional ou tem intimidade com a expressão fotográfica. A instrução foi propositalmente muito breve: “Gostaria de pedir a você que caminhe pelo espaço do consultório e tire três fotografias de coisas que chamem a sua atenção”. Em seguida, a pesquisadora solicitou que cada uma delas dissesse uma frase que descrevesse a sua experiência ao fotografar. As frases registradas constam como legendas das fotos apresentadas no próximo capítulo. Todas as clientes-fotógrafas assinaram Termos de Consentimento Livre e Informado, cujo modelo

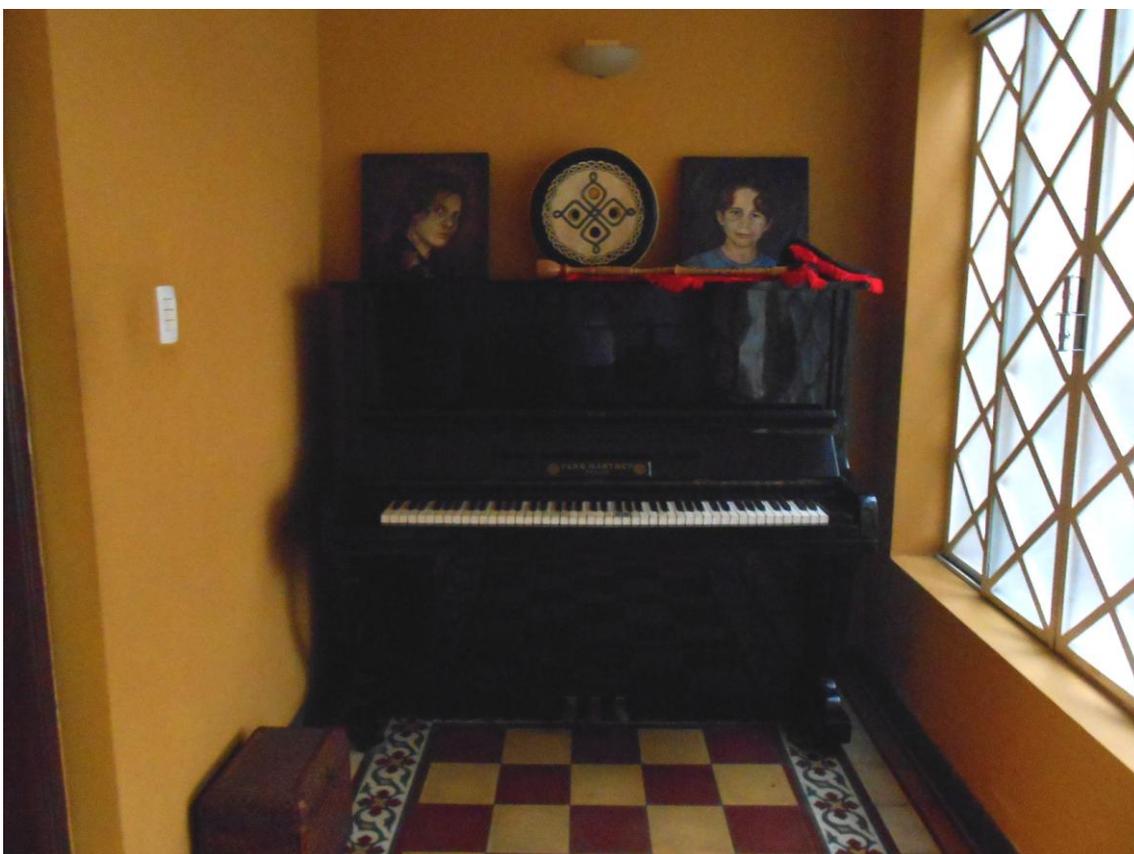
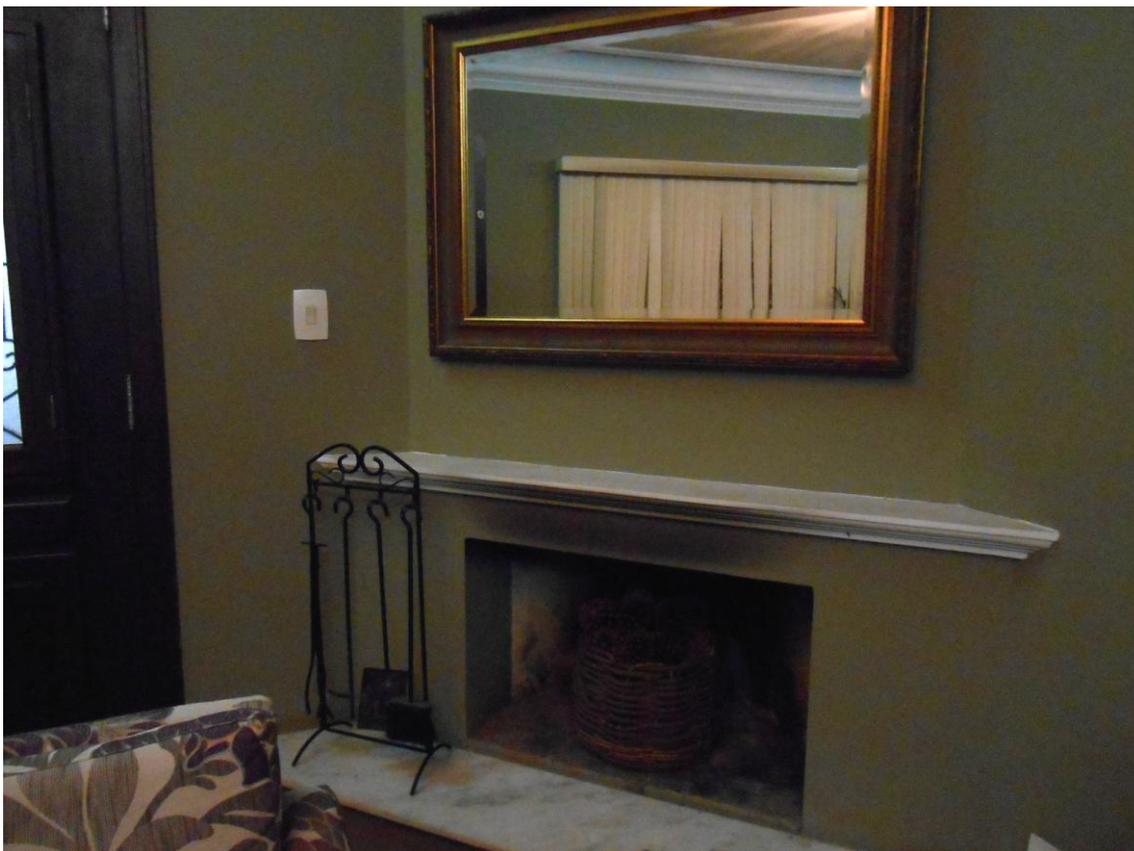
se encontra em anexo. Não foi feita nenhuma elaboração posterior, justamente com o objetivo de manter as expressões fotográficas e as impressões colhidas no registro mais fenomenológico possível.

A pesquisa acabou por se tornar um experimento fortuito, já que proporcionou vários insights sobre a poética do *setting* tanto à terapeuta quanto às clientes que foram convidadas a fotografar, o que fica claro a partir das frases que acompanham as fotos.

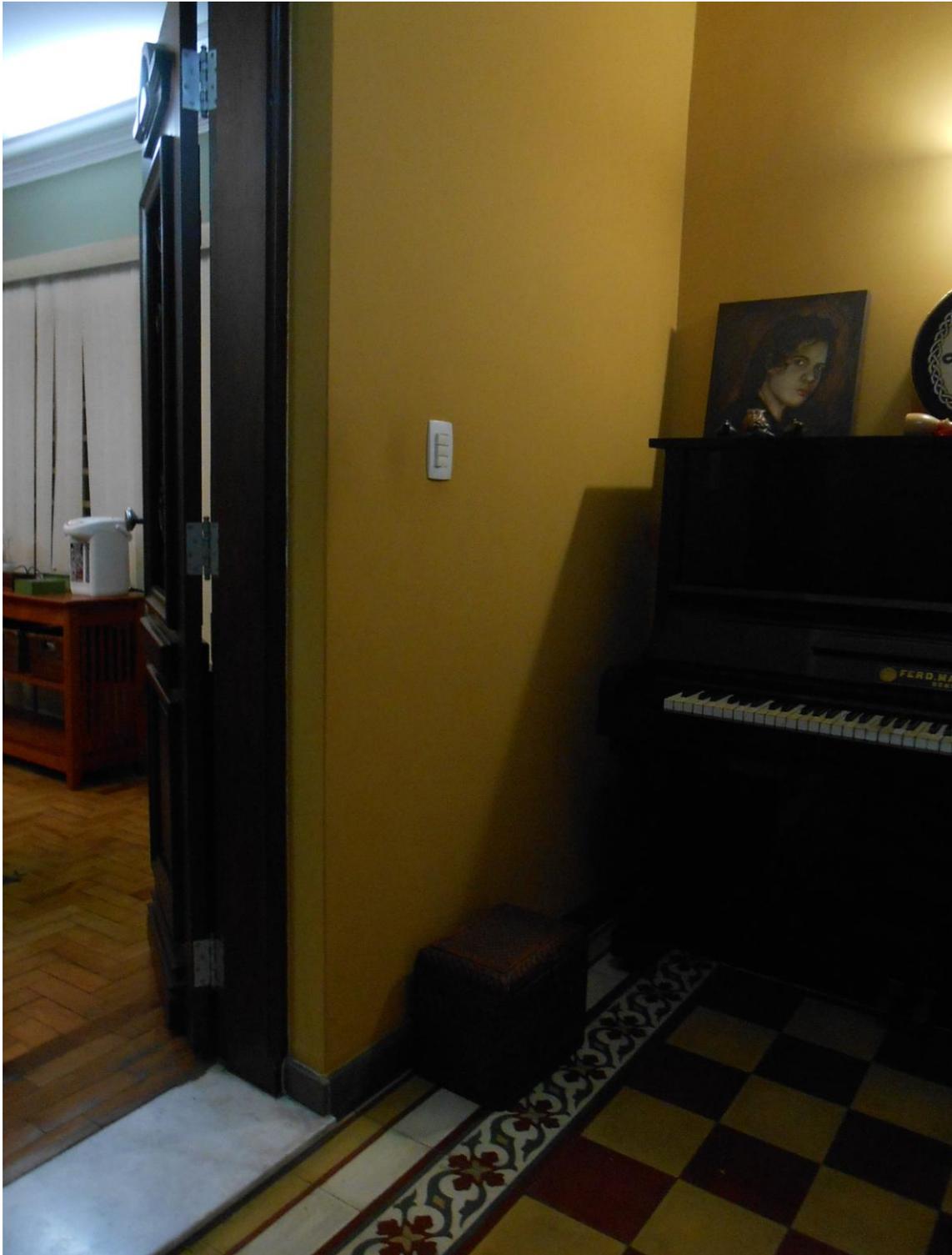
7. Ver e/é fotografar

Cliente 1: *“Fotografei as partes que me fazem sentir bem.
Acho que um lugar aconchegante é essencial para a pessoa,
para ela poder se expressar”.*





Cliente 2: *“Aqui existe um ar nostálgico, aconchego e cuidado. Eu gosto!”*





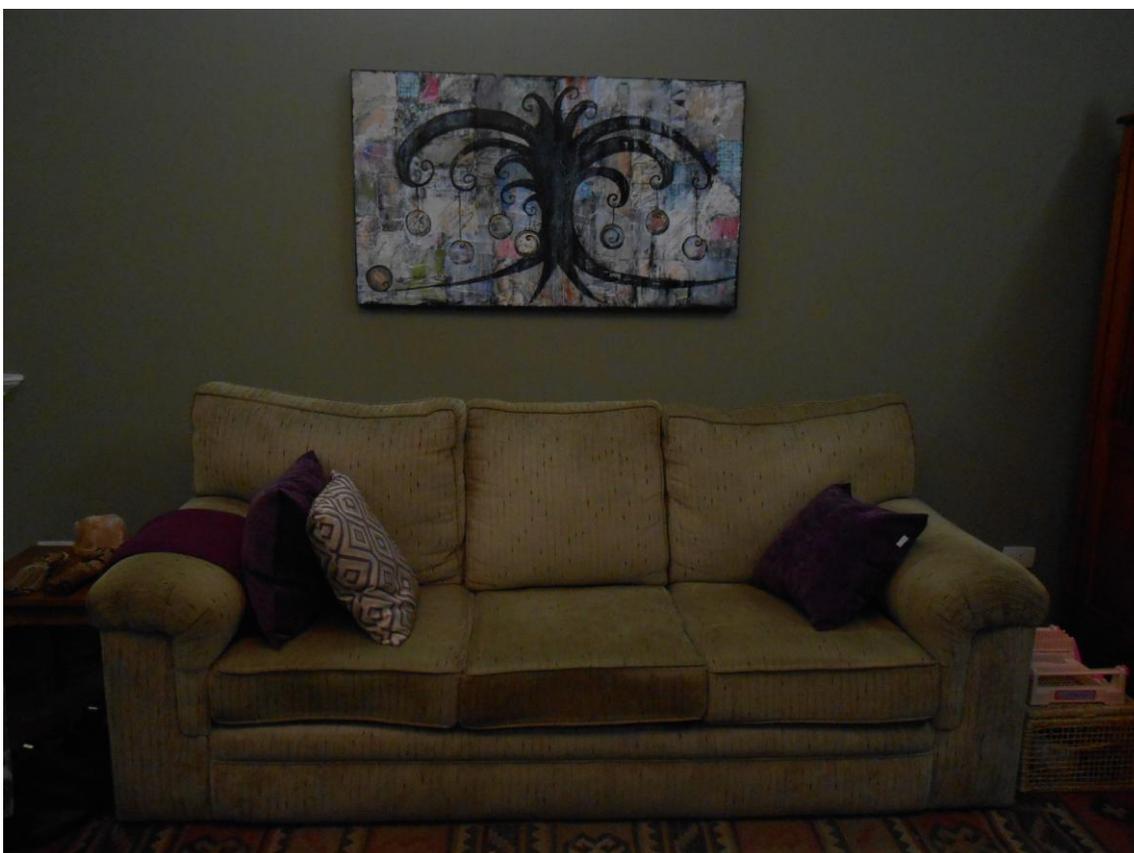
Cliente 3 : “Pensei em algo aconchegante, bonito, e que dá outras opções de conforto e aconchego” .





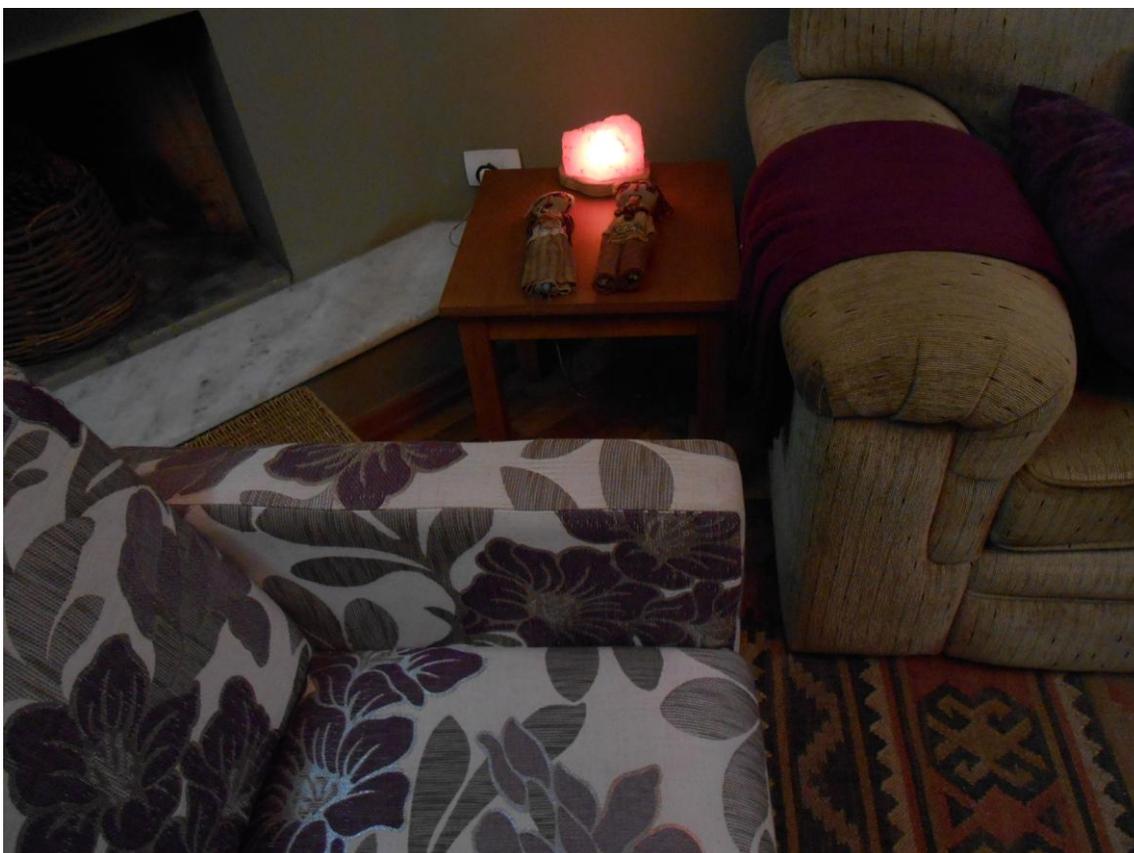
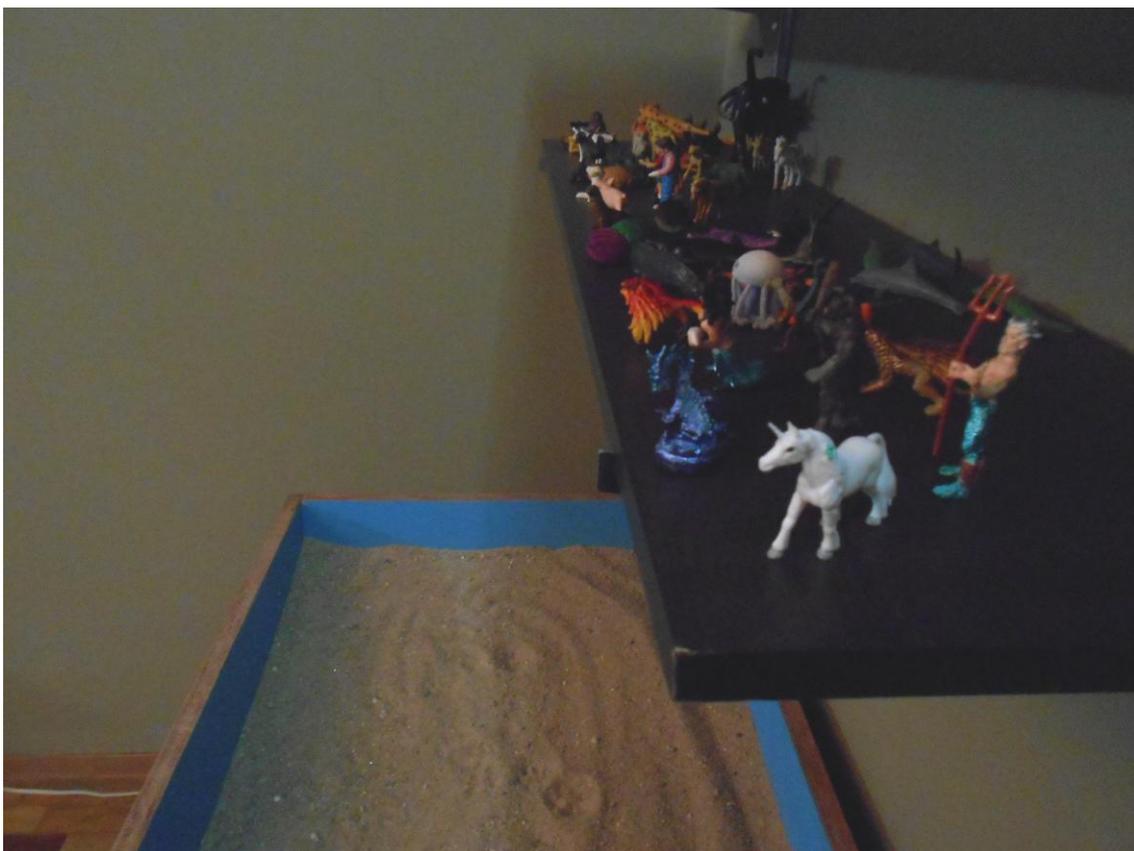
Cliente 4: *“Sabe quando você entra com um turbilhão de coisas e você se sente como se aquele espaço fosse seu mesmo? Sinto-me a vontade”.*





Terapeuta: *“Para mim, um espaço onde eu possa manifestar minha verdade e meu estilo pessoal é fundamental para o estabelecimento de uma relação terapêutica autêntica”;*





8. Considerações Finais

Referindo-se ao espaço físico onde ocorrem as relações de ajuda, Benjamim (2008, p.21) afirma que

uma entrevista de ajuda pode ser realizada em quase todos os lugares, mas em geral imaginamos que aconteça em uma sala. Nunca fui capaz de dizer a alguém como deveria ser o aspecto dessa sala. A única coisa que posso afirmar é que não deve parecer ameaçadora, ser barulhenta ou provocar distrações. O que nela se encontra, dela faz parte, e o entrevistado se adaptará a isso (...) Nosso objetivo é proporcionar uma atmosfera que se mostre mais propícia à comunicação. Cada entrevistador decidirá como chegar a isso. A sala também tem que ser adequada a ele, já que permanecerá nela grande parte do tempo.

É evidente que esse trabalho também não foi capaz de definir com clareza qual é o espaço ideal para que a relação terapêutica se dê, e nem foi esse o seu propósito. Alexander (1979) sugere que aquilo que faz a diferença entre um edifício (ou espaço) “bom” e um “ruim” é algo que pode ser sentido, mas não explicado: algo que o autor chama de “qualidade sem nome”. Para ele, é possível nos aproximarmos da explicação do que é essa qualidade, mas seu significado só pode ser tangenciado. Essa “qualidade sem nome” define tudo que é vivo, inteiro, confortável, livre, exato e eterno. Pode ser comparada à qualidade poética, já que um “bom” espaço seria consequência de um fazer livre, autêntico, espontâneo e criativo. Vemos aqui várias qualidades caras também à gestalt-terapia, que busca justamente a expressão espontânea, autêntica e criativa das potencialidades humanas. De fato, no caso do *setting* terapêutico, podemos dizer que cada terapeuta deve criar seu espaço ideal, a partir de seus referenciais teóricos, técnicos, metodológicos, éticos e estéticos. Essa criação única e autêntica irá refletir-se inevitavelmente nas relações terapêuticas estabelecidas com seus clientes. Se pensarmos em cada uma dessas relações como um sistema complexo e particular, podemos dizer também que cada cliente também afetará e alterará o *setting* de acordo com seus próprios referenciais pessoais.

Para o pensamento gestáltico, qualquer psicopatologia é o modo que o indivíduo encontrou de estar no mundo, a partir de um ajustamento que pode ser disfuncional, mas não deixa de ser criativo (Hyckner, 1995). “O ‘problema’,

na verdade, é uma proclamação de como a existência dessa pessoa tornou-se fraturada, alienada e perturbada” (Idem, p.127). A “mágica” da gestalt-terapia, então, ocorre também em decorrência do “bom lugar” onde a relação terapêutica se dá. Mas é a presença do terapeuta hospitaleiro como “*outro em estado de devoção*” (Safra, 1999, p.89), que traduz a linguagem do corpo para o cliente e o auxilia a reconstituir seu espaço existencial esfacelado, permitindo seu realojamento no mundo. Essa hospitalidade se reflete, sem dúvida alguma, no cuidado que o terapeuta dedica à elaboração do seu espaço de atendimento, assim como no cuidado que ele direciona à sua formação profissional e pessoal, já que, como vimos, esses aspectos são indissociáveis. Talvez o espaço ideal seja aquele que, reunindo essas características, nos lembre da efemeridade dos momentos de real encontro que, por serem tão raros e breves, trazem em si um vislumbre do mistério do ser real que temos a nossa frente numa situação terapêutica.

Conclui-se, portanto, que o ambiente físico do *setting* determina claramente de que forma as relações se dão dentro do espaço terapêutico, mas apenas se compreendido como parte do campo mais amplo que envolve essas relações, campo este que é constituído também pelas posturas teórica, epistemológica, ética e estética do terapeuta, assim como das próprias relações terapêuticas lá estabelecidas, num processo circular que se retroalimenta sistemicamente.

Enquanto esse trabalho era elaborado surgiram outras questões que proporcionaram reflexões sobre as relações de poder estrutural (conforme descritas por Foucault) existentes na relação terapêutica, e o modo pelo qual elas se manifestam no ambiente físico do consultório. Uma das questões mais prementes relaciona-se a como romper a hierarquia e subverter esse poder através do oferecimento de um espaço terapêutico (concreto e subjetivo) que seja mais igualitário. Uma das ideias mais caras à Perls era a de que o processo terapêutico é, antes de tudo, um projeto político. Suas propostas ainda hoje se chocam com os valores defendidos pela sociedade conservadora, considerando que o sujeito é moldado de acordo com esses valores, na reprodução da ideologia dominante e na negação da autenticidade individual. A Gestalt-terapia vai contra essa realidade, já que trabalha no

sentido de auxiliar o indivíduo a descobrir a sua verdade e originalidade e a experiênciá-las, num processo constante de auto-atualização (RIBEIRO, 1985). O projeto gestáltico é, portanto, um projeto de transformação. Então, nos parece coerente dar continuidade a esse projeto de pesquisa, articulando as bases teóricas e metodológicas da Gestalt-terapia a subsídios encontrados em autores que discutam as bases sociológicas, políticas e antropológicas que sustentam essa estrutura de poder que coloca o terapeuta como um superior na escala hierárquica, quando ele não deve ser nada mais, nada menos do que um ser humano que busca um contato real e uma relação autêntica com um outro ser humano em sofrimento.

9. Anexo I – Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Pelo presente instrumento, que atende as exigências legais, eu, _____, Documento de Identidade RG: _____, autorizo minha participação na pesquisa para elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso da aluna do curso de Formação em Gestalt-terapia do Instituto Sedes Sapientiae MARIA ANGELICA DE MELO RENTE, Registro Profissional CRP 06/107864, orientada pela Psicóloga e Mestre em Psicologia da Saúde Rosana Zanella, Registro Profissional CRP 06/4407-7. Autorizo também a utilização das fotografias produzidas por mim para os fins de pesquisa citados a seguir, assim como em congressos, simpósios e publicações científicas. As fotografias serão utilizadas como subsídio para o conhecimento e estudo de percepções dos clientes de psicoterapia atendidos pela profissional supracitada em relação aos aspectos ambientais que influenciam a relação terapêutica.

Os dados de identificação da participante serão mantidos em sigilo. A participante poderá retirar sua participação da pesquisa a qualquer momento, devendo, para tanto, informar à pesquisadora tal interesse.

Sem mais, subscrevemo-nos abaixo em comum acordo e em duas vias,

São Paulo, _____ de _____ de 2014.

Participante

Pesquisadora

10. Referências

ALEXANDER, Christopher. **The timeless way of building**. New York: Oxford University, 1979.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. In: **Os pensadores**. Vol. 38. São Paulo: Abril Cultural, 1974. pp 341-512.

BELL, Paul et al. **Environmental psychology**. Orlando: Harcourt College Publishers, 2005.

BENJAMIN, Alfred. **A entrevista de ajuda**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BUROW, Olaf-Axel; SCHERPP, Karlheinz. **Gestaltpedagogia**: um caminho para a escola e a educação. São Paulo: Summus, 1985.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. São Paulo: Centauro, 2001.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. São Paulo: Cultrix, 2006

CARDELLA, Beatriz H.P. **O amor na relação terapêutica**: uma visão gestáltica. São Paulo: Summus, 1994.

_____ O cuidado na clínica contemporânea: a hospitalidade com o humano e o terapeuta como anfitrião – o outro raiz. In: **Sampa Gt**. São Paulo: Instituto Gestalt de São Paulo, 2011. n. 6. pp. 17-25.

DE BOTTON, Alain. **A arquitetura da felicidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

FIGUEIREDO, Luiz Claudio. **Revisitando as psicologias**: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

GINGER, Serge; GINGER, Anne. **Gestalt, uma terapia do contato**. São Paulo: Summus, 1995.

HYCNER, Richard. **De pessoa a pessoa**: psicoterapia dialógica. São Paulo: Summus, 1995.

KARR, Andy; WOOD, Michael. **The practice of contemplative photography**. Boston: Shambhala Publications, 2011.

KIYAN, Ana Maria M. **E a gestalt emerge**: vida e obra de Frederick Perls. São Paulo: Altana, 2001.

_____ **O gosto do experimento:** possibilidades clínicas em Gestalt-terapia. São Paulo: Altana, 2009.

MANN, David. **Gestalt therapy:** 100 key points and techniques. London: Taylor and Francis, 2010.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Conversas -1948.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____ **O olho e o espírito:** seguido de A linguagem indireta e as vozes do silêncio e A dúvida de Cézanne. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

MICHAELIS **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa.** 2009. Online. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>. Acesso em: 11out2013.

MIGLIAVACCA, Eva Maria. Breve reflexão sobre o *setting*. **Boletim de Psicologia**, v. LVIII, n. 129, p. 219-226, 2008.

THE MIKSANG INSTITUTE FOR CONTEMPLATIVE PHOTOGRAPHY. Online. Disponível em: <http://miksang.com/index.html>. Acesso em: 10fev2014.

NÓBREGA, Terezinha Petrócia. Merleau-Ponty: o corpo como obra de arte. **Princípios.** UFRN, Natal, v.7, n.8, pp.95-108, jan/dez 2000.

O'DONOHUE, John. **To Bless the Space Between Us:** a book of blessings. New York: Doubleday, 2008.

ORIGEM DA PALAVRA: site de etimologia. Online. Disponível em: <http://origemdapalavra.com.br>. Acesso em: 12out2013.

PERLS, Frederick S. **A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia.** 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

PERLS, Frederick S; HEFFERLINE, Ralph; GOODMAN, Paul. **Gestalt-terapia.** São Paulo: Summus, 1997.

POLSTER, Erving. **Gestalt-terapia integrada.** São Paulo: Summus, 2001.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Gestalt-terapia:** refazendo um caminho. São Paulo: Summus, 1985.

RODRIGUES, Hugo Elídio. **Introdução à gestalt-terapia:** conversando sobre os fundamentos da abordagem gestáltica. Petrópolis: Vozes, 2009.

SAFRA, Gilberto. **A face estética do self:** teoria e clínica. São Paulo: Unimarco, 1999.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Online. Disponível em: <http://stoa.usp.br/alexccarneiro/files/1/4529/sartre_existencialismo_humanismo.pdf>. Acesso em: 05 out 2013.

SCHULTZ, Duane P; SCHULTZ, Sydney E. **História da psicologia moderna**. São Paulo: Thompson Learning, 2006.

VON ZUBEN, Newton A. Eu e Tu, de uma ontologia da relação a uma antropologia do inter-humano. In: BUBER, Martin. **Eu e Tu**. São Paulo: Centauro, 2001. pp 29-51.

WEIL, Simone. O enraizamento. In: BOSI, Ecléa (org). **Simone Weil: a condição operária e outros estudos sobre a opressão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

YONTEF, Gary M. **Processo, diálogo e awareness: ensaios em gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1998.

ZINKER, Joseph. **Processo criativo em gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2007.